

A COMUNIDADE VIMARANENSE ESTÁ DE PARABÉNS

Em tempos de apregoada crise, de tempos difíceis e depressivos, a cidade de Guimarães pertence ao número daquelas que são exemplo de estímulo e iniciativa. Há já muito que se vem afirmando que a educação e a cultura são indispensáveis para difundir nas comunidades a consciência da necessidade de uma melhor qualidade de vida, que permita não apenas utilizar o que a sociedade de consumo oferece como também saber discernir o que é permanente e o que é efémero, aquilo que vale a pena.

Vêm estas palavras a propósito da vitalidade cultural de Guimarães, que se expressa tanto em iniciativas particulares como públicas. Para as não alongar escolheria três instituições símbolos das preocupações da cidade neste campo: a Sociedade Martins Sarmiento, o Museu de Alberto Sampaio e o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

A Sociedade Martins Sarmiento cuja origem radica num dos sentimentos mais nobres do espírito humano e sem o qual as sociedades não podem progredir – o sentimento de admiração – que determinou, nos finais do século XIX, uma plêiade de homens ilustres a perpetuar a personalidade e a obra do sábio arqueólogo Francisco Martins Sarmiento com a fundação de uma instituição de recolha de património cultural e de promoção da educação popular. Esta instituição que foi tendo como corpos dirigentes nomes dos mais conceituados da sociedade vimaranense, continua a sua obra, dobrando o cabo de inúmeras dificuldades pela mão moderna e firme do Sr. Dr. Joaquim Santos Simões [1923-2004].

O Museu de Alberto Sampaio que arranca do espólio artístico da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, requisitada ao estado para o manter na cidade pelo Dr. Domingos Leite de Castro [1846-1916], encontrou na personalidade do Sr. Alfredo Guimarães [1882-1958] e na sua sensibilidade e saber estéticos a tenacidade para desenvolver, praticamente criar, aquele que é uma das joias museológicas de Portugal – o Museu Nacional de Alberto Sampaio -, que depois de uma série de direcções competentíssimas tem hoje á frente o dinamismo da sua jovem directora, Dr.^a Isabel Fernandes. Pelas suas realizações inovadoras e de alta qualidade pedagógica tem tornado o Museu num lugar constantemente procurado e noticiado na imprensa.

O Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, que parte também da ideia do Dr. Domingos Leite de Castro, em 1912, de conservar em Guimarães o espólio documental da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, demonstra, como outras realizações (a Biblioteca Raúl Brandão, o patrocínio aos Congressos Históricos impulsionados

pelo vimaranense do coração Prof. Diogo Freitas do Amaral, a elevação do centro histórico da cidade a património da humanidade, a construção atempada do novo estádio de football considerada útil para o país, entre muitas outras) a atenção que a actual edilidade tem aos valores de natureza vária que a cidade possui.

O Prof. José Mattoso em artigo não publicado, mas para o qual existe a permissão da sua utilização pública, revelou um dia, na sua posição de director dos Arquivos Nacionais e da Torre do Tombo, a sua preocupação pelas deficientes instalações em que estava o Arquivo Municipal de Guimarães, em dependências do velho convento de Santa Clara. Nessas páginas foca a importância do seu fundo documental constituído por «(...) *uma grande quantidade de documentos que normalmente só deveriam existir num arquivo distrital(...)*» e salienta a situação ímpar em que o decreto da sua criação (27 de Junho de 1931) o coloca no sistema arquivístico português. Com efeito, o diploma determina que além do fundo eclesiástico da Colegiada, o Arquivo incorpore outra documentação antiga variada, livros paroquiais, notariais e judiciais do concelho o que, na concepção lógica e racional da Rede Nacional dos Arquivos, não deveria acontecer. Mas esta particularidade, na sua opinião, reflectia a identidade de uma comunidade com características próprias que afirma a sua vitalidade e resultava da concorrência de vários factores: «() *o vigor da resistência dos cónegos da Oliveira à ordem já então racionalizante e centralizadora de remeter para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo a documentação medieval de todo o país, e depois a documentação da maioria dos conventos e mosteiros extintos em 1834. Resulta, em seguida, de, em Guimarães, se ter criado um organismo cultural que é dos mais antigos e prestigiados de todo o país, e que tem o nome de Sociedade Martins Sarmiento. Foi de facto aí mesmo que foram depositados milhares de códices, maços de documentos e pergaminhos, antes de se ter constituído o actual Arquivo. Resulta, ainda, de um notável erudito e investigador de Guimarães apesar de ter feito a sua vida em Lisboa, manter as suas ligações e os interesses pela sua cidade natal, e de fazer valer a sua influência política para obter os meios de proteger, arrumar e classificar todo esse vasto espólio, criando com ele o Arquivo Municipal. Esse erudito era Alfredo Pimenta, que desempenhou as funções de director desde pouco depois da sua fundação. Resulta, finalmente, de ser este, que eu saiba, o único arquivo do país que sustentou uma revista durante várias dezenas de anos (...). Foi aí que vieram à luz os inventários de grande parte dos seus fundos, o que o coloca também em posição ímpar no panorama arquivístico português (...)*». O Prof. Mattoso salienta a dimensão nacional do Arquivo: «(...) *de facto, a antiguidade e o carácter excepcional de muitos dos seus documentos atribuem-lhe uma importância que excede de longe a sua relação com o concelho (...)* e manifesta a sua preocupação pela necessidade «(...) *de dotar o Arquivo Alfredo Pimenta de instalações condignas e que permitam uma franca e ampla valorização do seu importante património histórico (...)*».

Pode o Prof. Mattoso, nas terras longínquas onde está, [ao tempo em Timor] ficar sossegado: as suas preocupações sobre este assunto deixaram de ter razão de ser.

Está a edilidade de Guimarães, com o seu Presidente, Dr. António Magalhães de parabéns. Certamente a sua formação em ciências históricas aliada ao sentido da responsabilidade das suas funções à frente da autarquia, que tem demonstrado há já vários anos, deu-lhe forças para meter ombros a esta tarefa ciclópica da adaptação do edifício que com os actuais requisitos das técnicas arquivísticas, acondiciona a memória da cidade e do país e facilita a sua utilização por aqueles que procuram resolver problemas históricos ou tão só os do seu quotidiano. O nome que identifica o arquivo, resulta do sentimento de gratidão da cidade de Guimarães por quem numa visão moderna instigou não apenas a criação do Arquivo como se deu ao trabalho incalculável de organizar o valiosíssimo fundo documental que se encontrava amorosamente recolhido na Sociedade Martins Sarmento, mas inacessível à consulta e por isso mesmo com dificuldades de vida. A história deste esforço que foi coadjuvado pelo Sr. Rodrigo Pimenta, encontra-se documentado no Boletim de Trabalhos Históricos e na correspondência então dirigida a Alfredo Pimenta por vários vimaranenses ilustres em que se destaca a do Dr. Eduardo de Almeida [1884-1958], inédita, aguardando publicação na Sociedade Martins Sarmento pelo bom acolhimento do actual Presidente a tal projecto. *«A História é um sistema de experiências humanas que formam uma cadeia inexorável e única. Só progride quem não está vinculado ao que era ontem – (...) o progresso exige que a nova forma supere a anterior e para a superar, a conserve e aproveite, que se apoie nela, que monte sobre os seus ombros (...). Progredir é acumular, entesourar realidade. (...)»*. Olhando a história do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta vêm à lembrança estas palavras do filósofo espanhol Ortega y Gasset.

Congregar as inúmeras personalidades de uma sociedade, não excluindo alguém é, além de justo, pedagógico.

Os horizontes alargam-se com os vários pontos de vista.

Maria Tereza Pimenta

Junho 2003